



# OS EUROMÍSSEIS E A ALIANÇA ATLÂNTICA

Josef Joffe

**M**il novecentos e oitenta e três será um ano decisivo nos anais da Aliança Atlântica. No próximo inverno, a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) terá que cumprir sua promessa de instalar 572 mísseis norte-americanos *Cruise* e *Pershing II* na Europa Ocidental, a menos que um pacto de controle de armas com a União Soviética elimine essa necessidade de equivalência por parte do Ocidente. E isto significa que a União Soviética teria que desmontar cerca de 600 mísseis SS-4, SS-5 e SS-20.

Nem mesmo os mais inveterados otimistas consideram isto uma fácil tarefa. Desde 1976, os soviéticos vêm instalando mísseis SS-20, equipados com ogivas triplas, à razão de um por semana. Até agora, já acumularam 334 desses moder-

nos mísseis móveis, cujo alcance é de 5.000 quilômetros, enquanto a OTAN não possui nada nem remotamente comparável em seus arsenais sediados na Europa.

Por que iriam os soviéticos abrir mão dessa enorme vantagem se nada os motive a isso, a não ser uma proposta do Ocidente para um acordo sobre o controle de armas? Não há nada gratuito nas relações internacionais, e foi por isso que a Aliança — em sua reunião de dezembro de 1979, em Bruxelas — decidiu que a disposição de negociar um equilíbrio equitativo teria de ser complementada pela determinação de instalar um modesto poderio próprio de mísseis. De mãos vazias, o Ocidente comparceria à mesa de negociações como um pedinte. E as negociações de gerar-se-fam em um ritual inex-

pressivo, a menos que a OTAN estivesse disposta a contrabalançar a expansão soviética.

Essa política dupla, denominada, há três anos, posicionamento de "mão dupla", rendeu, agora, alguns frutos. Em dezembro último, o chefe do Partido Comunista Soviético, Yuri V. Andropov, falou, pela primeira vez, sobre "redução". O oferecimento ainda está longe de ser satisfatório, mas, pelo menos, mostra até onde os soviéticos progrediram, desde a decisão de Bruxelas, há três anos. Em outubro de 1979, o antecessor de Andropov, Leonid Brejnev, pusera as negociações em risco com um categórico "não", se o Ocidente persistisse em sua decisão sobre os mísseis *Pershing II* e *Cruise*.

O progresso mais crucial foi de natureza filosófica. Até sua morte, Brejnev manteve-se firme em sua pretensão de que havia um equilíbrio "euronuclear", ao mesmo tempo que acusava a OTAN de estar prestes a lançar-se numa corrida de armas nucleares na Europa. Ao sugerir "reduções", Andropov, pelo menos implicitamente, admitiu que o Ocidente tinha razão — que, de fato, não havia equilíbrio, mas, só superioridade soviética e, além disso, uma superioridade crescente.

Em todos os outros aspectos, o estrategema de Andropov é, na melhor das hipóteses, uma abertura, e, na pior, uma tentativa mal disfarçada de manter a todo custo a vantagem soviética. Em resumo, os soviéticos ofereceram-se para reduzir seus sistemas de médio alcance aos níveis das forças estraté-

gicas francesas e britânicas (um total de 162 mísseis, 18 dos quais baseados em terra). Somente uma observação mais detida deste oferecimento revela os pormenores, que, na realidade, significam a contínua superioridade soviética, e não um equilíbrio entre o Leste e Oeste.

Primeiro, os soviéticos mantiveram-se calculadamente ambíguos quanto ao significado de "redução" — e por bons motivos. Tradicionalmente, "redução" na terminologia soviética sempre significou "retirada" para regiões não européias da União Soviética. A reinstalação dos mísseis SS-20 atrás dos Urais não chega a ser um grande sacrifício, considerando-se o seu alcance de 5.000 quilômetros. Nem tampouco é uma vantagem para a segurança da Europa Ocidental. Os soviéticos já indicaram que pretendem "reservar" 100 SS-20, para sua utilização no Extremo Oriente, além de qualquer número dessas armas que instalem voltadas para a Europa Ocidental. Infelizmente, o SS-20 é um míssil móvel, que pode não apenas atacar a Europa Ocidental, mesmo quando lançado do interior asiático da União Soviética, mas também ser facilmente reinstalado em uma posição mais avançada.

Segundo, mesmo com base nas suposições mais otimistas, o oferecimento soviético não resulta em igualdade de segurança. Cento e sessenta e dois mísseis em qualquer dos lados não significa equilíbrio, porque cada míssil SS-20 em três ogivas, enquanto os sistemas franceses e britânicos têm apenas uma.

E, uma vez que as pessoas — tal como ressaltou, certa vez, Henry Kissinger — são mortas pelas ogivas e não pelos lançadores, o equilíbrio real seria de 486 para 162.

Terceiro, se contamos os sistemas franco-britânicos baseados no mar, que não são limitados por qualquer acordo sobre controle de armas, por que não contamos também as várias centenas de mísseis Cruise soviéticos de lançamento marítimo no teatro europeu, que tampouco estão restringidos?

Quarto, há uma questão crucial de princípio. Se os soviéticos levarem adiante sua idéia de que sistemas não-norte-americanos constituem uma ameaça à sua segurança, a recompensa que receberão será fazer inimigos nucleares em todo o mundo. Se devem ter mais mísseis porque os franceses e britânicos os têm, onde pode então o Ocidente traçar o limite? Por que não compensá-los também por causa dos sistemas chineses — ou de qualquer outro país que se decida a produzir armas nucleares, no futuro? Levada a seu limite lógico, uma visão de tal forma extensa da segurança soviética exigiria que os Estados Unidos eliminassem um sistema capaz de atingir a União Soviética por toda arma semelhante que um país anti-soviético, fosse este A, B, ou C, decidisse instalar.

Finalmente, há uma diferença irreduzível entre as armas nucleares norte-americanas e as franco-britânicas. Essas últimas são armas de último recurso, que se lançariam apenas em defesa do território francês ou britânico. Sua fun-

ção não é proteger aliados não-nucleares, como a Alemanha, Itália ou Bélgica. Nem poderiam desempenhar esse papel, considerando-se suas diminutas dimensões, em comparação com os vários milhares de ogivas do arsenal soviético.

“Poder ampliado de dissuasão”, isto é, poder de dissuasão em benefício de aliados não-nucleares, requer uma força que está inseparavelmente vinculada ao poderio nuclear de uma superpotência como os Estados Unidos. E foi exatamente por este motivo que os aliados europeus, reunidos no contexto do grupo de alto nível da OTAN, entre 1977 e 1979, solicitaram aos Estados Unidos a instalação de sistemas baseados em terra na Europa. É um mito que os Estados Unidos estejam “impondo” a instalação de mísseis *Pershing II* e *Cruise* a europeus que não os querem. Na realidade, nenhuma outra política da OTAN jamais foi debatida tão exaustiva e democraticamente como a decisão de Bruxelas de dezembro 1979. Nem é verdade, como afirmam alguns críticos europeus, que os Estados Unidos estejam simplesmente instalando esses mísseis para manter todo intercâmbio nuclear confinado dentro do continente europeu.

Na realidade, nada há mais contrário à verdade que essa idéia conspiratória. Ao invés de reduzir seus riscos nucleares, os Estados Unidos os estão, de fato, aumentando, mediante a instalação dos mísseis *Pershing II* e *Cruise*. Os soviéticos nunca fizeram uma distinção exata entre sistemas nucleares

"de teatro de guerra" e "estratégicas". Para eles, toda arma que pode atacar o território nacional é estratégica. Donde se segue que os soviéticos, partindo de sua própria lógica, teriam que atacar parte do arsenal estratégico dos Estados Unidos no processo de atacar a Europa Ocidental.

Restringiriam eles seus primeiros disparos apenas aos sistemas norte-americanos sediados na Europa — visando, por assim dizer, o canivete de seu adversário, enquanto deixam intacta sua espada? Por sua própria lógica estratégica, que têm ressaltado repetidamente, os soviéticos teriam que atacar todo o arsenal norte-americano. Ou, como disse, uma recente publicação soviética (*A Ameaça à Paz, Moscou, 1981*): "Deveria ficar bem claro que... qualquer ataque inicial (contra a Europa Ocidental) é insensato, a menos que destrua, ou, pelo menos, enfraqueça substancialmente o potencial nuclear estratégico da capacidade de represália da outra parte... Uma primeira investida contra a Europa Ocidental seria um ato insensato sob qualquer ponto de vista, pois serviria apenas para expor nosso país à reação de um arsenal estratégico norte-americano absolutamente intacto".

Tal decisão, que evoca o espectro de uma guerra total, não pode ser tomada impensadamente, e aí se encontra a própria essência da força de dissuasão ampliada. Os sis-

temas norte-americanos sediados em terra capazes de atingir a União Soviética a partir da Europa Ocidental "acoplam" (tal como a terminologia estratégica o define) o território europeu ocidental ao norte-americano. Se a União Soviética atacar um, deve atacar o outro. Em vez de transformar o continente em "uma galeria de tiros das superpotências", os mísseis *Pershing II* e *Cruise* reiteram, de forma tangível, a comunhão de destinos entre os Estados Unidos e seus aliados europeus.

Talvez o Ocidente possa contentar-se com menos de 572 mísseis. Na realidade, todos ganharíamos com uma solução de zero a zero, tal como disse o Presidente Reagan em seu discurso de 18 de novembro de 1981, sobre o controle de armas. Entretanto, os números reais devem ser determinados por uma troca equitativa, que é estabelecida pelo princípio de igualdade real.

Um profundo desejo de paz não é suficiente para que haja paz. E a mera aspiração de um controle das armas nunca resultou em um acordo justo. Como a Aliança se ateuve firme à sua decisão de Bruxelas, os soviéticos começaram, finalmente, a falar de desarmamento. Se o Ocidente fraquejar agora em sua determinação, não terá nem mísseis, nem controle de armas. E os soviéticos terão conseguido algo em troca de nada.

(Josef Joffe, jornalista alemão e cientista político, encontra-se atualmente em Washington, como bolsista do Centro Internacional Woodrow Wilson para Acadêmicos.)